EUROPA

Crise social ganha as ruas

Estudantes na França, inquilinos na Espanha: esgotamento do estado de bem-estar alimenta protestos e projeta turbulências no sistema político do continente [ou "do Velho Mundo"]

» SILVIO QUEIROZ

Kenzo Tribouillard/ AFP

Manifestante segura um cartaz onde se lê "Tomamos a Bastilha" em frente à Coluna de Julho durante uma manifestação de estudantes do ensino médio na Praça da Bastilha

A juventude francesa tem hoje reencontro marcado com as ruas e com uma rebelião em que seus avós estremeceram a República, há seis décadas. Depois de reencenar em Paris a tomada da Bastilha, marco da Revolução de 1789, eles preparam manifestações gigantescas contra a situação precária do ensino secundário. Os protestos de outubro evocam o levante juvenil de maio de 1968, pela amplitude e pelo impacto político.

Na vizinha Espanha, foi a morte recente de uma idosa despejada da residência onde morou por 70 anos que serviu de estopim. A tragédia pessoal de Maricarmen Abascal, 87 anos, expôs a crise habitacional que empurra inquilinos para a periferia dos centros urbanos. Uma onda de protestos levou o primeiro-ministro Pedro Sánchez, socialista, a convocar eleições antecipadas, depois que a oposição de direita barrou seu projeto para congelar ações de despejo até 2030.

No pano de fundo de ambas as situações, cada qual com as própriaa dinâmicas, estudiosos ouvidos pelo **Correio** enxergam um fenômeno que permeia a Europa no século 21. Sintomas de fadiga extrema afloram no arcabouço de políticas e instituições sociais estabelecido no continente ao fim da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) - em boa parte, para contrapor o prestígio da União Soviética pelo protagonismo na vitória aliada sobre o Eixo nazifascista.

Desmanche

"Desde sua criação, no pós-guerra, o estado de bem-estar social passou por várias reformas, na França, Espanha e outros países europeus onde esse modelo foi adotado", observa Roberto Goulart Menezes, professor titular do Instituto de Relações Internacionais (Irel) da UnB. "Mas o fato é que, desde os anos 1990, ele está mais debilitado."

Demetrius Pereira, professor de relações internacionais da ESPM, destaca as "singularidades" em cada um dos processos. "Na França, há o endividamento do Estado, com corte de orçamento sucateando o sistema de educação pública" explica. Na Espanha, o aluguel de curto prazo, voltado para o turismo, puxa os custos para cima e pealliza, em especial, os aposentados.

O especialista do Irel/UnB lembra que sindicatos e movimentos sociais vêm protestando, de maneira recorrente, contra medidas de restrição ao estado de bem-estar, e aponta os sinais desse ingrediente na atual agitação estudantil que varre a França. Ressalta que um dos focos centrais, Saint-Denis, no entorno de Paris, tem forte presença de imigrantes e descendentes. "É nesse tipo de região que a gente assiste, de tempos em tempos, a levantes e enfrentamentos nas ruas."

Na onda de protestos da Espanha, Menezes aponta como fator a expansão, no setor habitacional, do aluguel por plataformas. "Isso encarece o custo da moradia e acaba expulsando as pessoas para mais longe do centro, ou mesmo para outras cidades".

> **A contestação dos estudantes franceses é contra o governo Macron"**
>
> ***Demetrius Pereira,*** *professor de relações internacionais da ESPM*

Javier Soriano/AFP

Multidão marcha em Madri contra o custo da moradia: greve geral à vista

> **A antecipação das eleições foi um gesto de desespero de Pedro Sánchez"**
>
> ***Roberto Goulart Menezes,*** *professor titular do Irel/UnB*
> *Olho assina, cargo*

Turbulência política

O professor da ESPM vê, no caso espanhol, uma conexão política da crise social, mais imediata que a da França. O movimento iniciado pelo Sindicato dos Inquilinos arrastou as centrais sindicais para uma greve geral — a primeira desde 2012 -, convocada para 11 de novembro. Os espanhóis irão às urnas 18 dias depois, nas eleições antecipadas pelo premiê socialista.

"A questão da moradia pode fazer com que os eleitores de Sánchez o apoiem, mas pode também dar à extrema-direita o argumento de que o modelo social está esgotado, e as soluções da esquerda são mais do mesmo", pondera Pereira. Para o titular do Irel/UnB, o chefe de governo optou por "um gesto de desespero". "Foi uma tentativa de aplacar os protestos, porque não consegue levar adiante medidas para garantir o acesso dos espanhóis à moradia", analisa. "Mas a extrema-direita procura canalizar para si a insatisfação, e pode sair fortalecida."

Na França, o horizonte político está na eleição presidencial de 2027, com Emmanuel Macron impedido de tentar mais um mandato. A seis meses da votação, ele vê sua base parlamentar de centro-direita acuada pelo avanço da ultradireita e da esquerda radical, já hoje entre as principais forças da Assembleia Nacional. As pesquisas de opinião apontam, no momento, para um segundo turno entre os dois polos extremos do espectro político.

"A contestação dos estudantes é realmente contra o governo Macron", observa o estudioso da ESPM, que correlaciona o cenário francês com o da vizinhança, como no resultado das recentes eleições regionais na Alemanha. "As forças de centro vêm sofrendo reveses em todo o continente, com a ascensão dos extremos."

Menezes, do Irel/UnB, pondera que, nas últimas três décadas, uma maioria de franceses tem barrado a chegada da ultradireita ao Palácio do Eliseu. Depois de Jean-Marie le Pen, esmagado por Jacques Chirac em 1995, há quatro anos a filha Marine repetiu o feito de chegar ao tira-teima, mas foi derrotada por Macron. Para 2027, é ela quem lidera as preferências. E, por ora, teria como adversário Jean-Luc Mélenchon, da França Insubmissa, ele próprio um exemplar da "geração 68", que os jovens invocarão amanhã nas ruas de Paris.

Para saber mais

O ano que se recusa a terminar

O levante juvenil na França torna inevitável invocar o título da obra talvez mais conhecida de Zuenir Ventura, ícone do jornalismo brasilleiro, recém-falecido. Em 1968, o ano que não terminou, *Zuenir recapitula o turbilhão dos acontecimentos que se precipitaram mundo afora, em múltiplas esferas da vida social, com marcas perenes na cultura, no comportamento e no cenário político.*

Sua referência mais universal é o chamado "maio francês". Tudo começou na Universidade de Nanterre, invadida pela polícia durante um protesto contra o autoritarismo e o conservadorismo moral. O rastilho de pólvora incendiou a veneranda Sorbonne, em Paris, e as ruas do Quartier Latin floresceram em barricadas.

Na capital em convulsão, os jovens discutiam a Guerra do Vietnã e militavam pelo sexo livre. Dali nasceram lemas como "É proibido proibir" e "Sejamos realistas: peçamos o impossível". A primavera rebelde em Paris chegou ao ápice em 13 de maio, quando as principais centrais promoveram a maior greve geral da história do país.

Com sua V República abalada nos alicerces, o general Charles de Gaulle cedeu. Acordou com os sindicatos um aumento geral de salários e outras medidas. Sem os trabalhadores em cena, a juventude voltou paulatinamente para as salas de aula.

O Maio de 68 seguiu reverberando na contracultura e na esquerda armada que assombrou a Europa Ocidental nos anos 1970. Na década seguinte, egressos de ambos os matizes confluíram no movimento ecopacifista, cuja expressão mais forte são os Verdes alemães.

*Na França, um adolescente do maio histórico é hoje o principal mentor da esquerda radical e seu candidato à Presidência em 2027. Iniciado nas barricadas como secundarista, ele encarna, aos 75 anos, o legado dos "soixante-huitards", como são chamados os remanescentes da "geração 68". (**SQ**)*

VATICANO

Papa Leão XIV anuncia que passará por cirurgia

Filippo Monteforte/ AFP)

Leão XIV, ao anunciar a cirurgia: "Confio-me às suas orações"

O papa Leão XIV anunciou, na manhã de ontem, que médicos detectaram um nódulo em estágio inicial em seu pulmão. O pontífice disse que será submetido a uma cirurgia nos próximos dias. Ele afirmou que o nódulo foi detectado em estágio inicial e seu crescimento está "bem controlado". Ainda assim, afirmou o papa, médicos recomendaram a cirurgia para a remoção. O anúncio foi feito na Praça de São Pedro, no Vaticano, ao final da oração dominical do Angelus.

"Queridos amigos, durante alguns exames médicos recentes, os médicos encontraram um nódulo localizado em meu pulmão. Ele foi detectado em um estágio muito inicial e está bem localizado. Os médicos consideram a cirurgia adequada. Seguindo a orientação deles, decidi, portanto, submeter-me a uma operação para removê-lo. A cirurgia já está agendada para os próximos dias. Agradeço pela proximidade espiritual de vocês e confio-me às suas orações", disse o papa aos fiéis.

Um nódulo pulmonar é uma massa densa encontrada no pulmão. A maioria dos nódulos detectados em exames, sem estar associados a sintomas, costuma ser benigna. "Os médicos avaliaram oportuno operar e, portanto, seguindo os seus conselhos, decidir submeter-me a uma operação para retirá-lo", afirmou o pontífice, de 71 anos, ao término da oração do Ângelus na Praça de São Pedro.

O nódulo pulmonar foi identificado durante uma revisão médica recente, mas se encontra "em um estágio muito inicial" e está "bem localizado".

Segundo uma porta-voz do Vaticano, o papa será operado nos primeiros dias da próxima semana e deverá permanecer hospitalizado por "aproximadamente uma semana".

A cirurgia deve acontecer no hospital romano Gemelli, que tradicionalmente recebe os papais desde João Paulo II. O papa Leão XIV tem uma viagem prevista para novembro, na qual visitará Uruguai, Argentina e Peru.

Esclarecer diagnóstico

De acordo com o oncologista Márcio Almeida, do Hospital Brasília e membro da Sociedade Brasileira de Oncologia Clínica (SBOC), nódulo é uma formação localizada em um tecido ou órgão, que pode ser tanto benigno quanto maligno, portanto a descoberta não significa, por si só, um câncer. Nesse sentido, a retirada cirúrgica também não confirma malignidade, pois "pode ser realizada para esclarecer o diagnóstico, aliviar sintomas ou tratar uma lesão suspeita".

"O principal passo depois da cirurgia é o exame anatomopatológico, popularmente chamado de biópsia, no qual o patologista analisa o material retirado. Quando o nódulo já foi removido, geralmente é esse próprio tecido que será examinado", complementa o médico "Em algumas situações, são necessários testes complementares para definir com precisão o tipo de lesão".

Ainda segundo Almeida, o diagnóstico em fase inicial aumenta as chances de cura, porque permite tratar a doença antes que ela se espalhe, além de possibilitar tratamentos menos extensos, com menor impacto na qualidade de vida. "Esse benefício depende do tipo de tumor e de suas características biológicas: um nódulo pequeno, isoladamente, não garante que a doença esteja em estágio inicial. O fundamental é associar o diagnóstico precoce ao acesso oportuno ao tratamento adequado", afirma.